ROVERI, Andréa. Com a destruição dos casarios, morre a cidade: palacetes e casarios do Centro antigo viram 'modernidade' e matam a história. A Tribuna de Campinas, Campinas, 12 jul. 1998.

Com a destruição dos casarios, morre a cidade

Palacetes e casarios do Centro antigo viram 'modernidade' e matam a história

ANDRÉA ROVERI

224

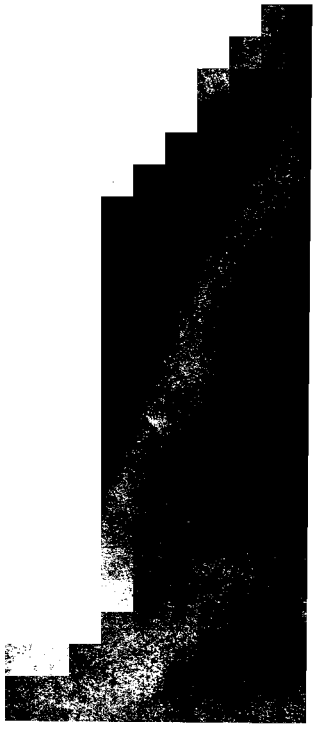
Se estivessem nos seus devidos lugares, talvez hoje os luxuosos palacetes dos barões do café fossem locais de visitação pública. Campinas seria até um pedacinho das grandes cidades européias que conciliam tradição ao progresso, unindo passado e futuro num mesmo espaço físico. Mas nada disso existe e as lembranças ficam na memória de quem ouviu dizer como era linda a tal Princesa D'Oeste, formosa pela sua suntuosidade e elegante pela sua gente, cidade que podia mesmo ser comparada a uma mulher. Os solares eram verdadeiras obras arquitetônicas, compostos pelos estilos mais marcantes e importados da Europa. Chegavam pelas águas do Atlântico até o porto de Santos e vinham de trem pelas três companhias de estrada de ferro - Paulista, Mogiana e Sorocabana - que ligavam Campinas praticamente ao mundo. Era por elas também que saía todo o café produzido nas fazendas da cidade diretamente para os cafés e bares de Viena, Paris ou Roma.

Mas voltemos aos charmosos solares do século passado. Tudo o que tinham era importado, desde o material para a construção até o acabamento. Os estilos coloniais são todos adaptados ao bom gosto campineiro, com detalhes especiais em padrão comparado a importantes construções européias. "Eles retratavam uma cidade que hoje poderia se valer desses antigos palacetes para atrair turistas, além de guardar sua história. Mas autoridades preferiram demolir tudo, por vergonha do seu centro histórico", afirma o arquiteto e professor da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da PUC de Campinas, Antonio da Costa Santos.

Com a perda do poder, em 1930, os barões do café perderam também espaço. Essa camada da sociedade foi assolada pela quebra da Bolsa de Nova Iorque, que arruinou a economia cafeeira. Surgia então a classe média emergente. Com ela, Getúlio Vargas, que perderia as eleições e se aproveitaria de um Golpe de Estado para tomar algumas "providências". Durante 17 anos, as cidades são comandadas por interventores nomeados pelo Conselho Consultivo. Campinas tem praticamente um interventor por ano. Dá-se então o início a uma remodelação desestruturada e desenfreada da cidade.

> *Até hoje, explica Santos, Campinas não teve mais nenhum planejamento específico*

Sem planejamento algum, as ruas começam a ser alargadas e o centro histórico passa a ser uma "vergonha" para a modernização desejada. Sem espaço entre a fachada e as ruas, os palacetes são engolidos pelas máquinas. Nesse mesmo instante, os solares dão espaço aos chamados arranha-céus, embora não tivessem os mais de 20 andares que hoje são visíveis em diversos pontos da cidade. Já naquela época era feito um plano Rótula, de remodelação do trânsito, já que as ruas não eram mais um espaço de cavalos e charretes. As ruas Campos Sales e Francisco Glicério ganham o título de avenidas e um dos objetivos é organizar os loteamentos das fazendas falidas em volta do Centro. "Foram três décadas de transformações radicais. Uma virada que acabou com o cartão postal da saudosa Princesa D' Oeste", explica Santos.

❑ *Antonio da Costa Santos: "Campinas perdeu o Centro e sua alma*

Nessa época, Campinas ainda é uma jovem cidade em fase de mudança de comportamento. Mas, aos 160 anos, já tinha sofrido as conseqüências urbanas de uma violenta ditadura; a ausência de planejamento; intervenção de 17 "prefeitos" em 17 anos e grandes desapropriações. "Um plano urbanístico só seria feito na